

# AMAZÔNIA

## Sob o signo do fogo

LÚCIO FLÁVIO PINTO

Há 20 anos, a Amazônia entrou na era da geração de informações via satélite, passando a jato do neolítico ao eletrônico. Uma imagem do satélite americano skylab, que orbitava a 900 quilômetros da Terra, registrara um grande incêndio no sul do Pará. Um cientista denunciou com estardalhaço, que a queimada alcançava um milhão de hectares, revelando, ainda, a existência da imagem, mandada pela Nasa aos seus colegas do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), em São Paulo.

A Volkswagen, que com o fogaréu destruía floresta para a formação de pastagens em uma grande fazenda, garantiu que o incêndio não ia além de 11 mil hectares, 1% da extensão apontada pela cientista. Um melhor exame da imagem do satélite mostrou que a multinacional alemã estava certa, mas ninguém perguntou como, dispondo de muito menos gente e recursos materiais, ela derrubara tanta floresta quanto o megaprojeto do Jari - do milionário americano Daniel Ludwig, recordista absoluto de desmatamentos nos trópicos.

O tom passional foi eliminado quando, com base em informações de satélite, órgãos oficiais mostraram que apenas 0,8% da superfície amazônica havia sido alterada pelo homem até 1975. Os danos causados ainda eram pequenos. A Amazônia continuava a ser, como observara Euclides da Cunha, 60 anos antes, uma página do Gênesis ainda por escrever. No caso, não pelo criador divino, mas pelo



homem mesmo.

Hoje, qualquer que seja a estatística, nenhuma questiona que a área destruída haja chegado a 10%. Há as que se aproximam de 12% a 15%, percentual que deve ser multiplicado por dois, considerando-se que na Amazônia metade de qualquer área usada pelo homem deve ser mantida na condição de reserva, intacta.

O que o homem alterou com sua ação na Amazônia representa, hoje, toda a superfície do estado de São Paulo. A quase totalidade desse desmatamento consumou-se em duas décadas, a uma taxa média superior a 20 mil quilômetros quadrados por ano. Não há registro igual em toda a história da

*Brasil: um tradicional fazedor de desertos*

humanidade, nela incluindo o próprio Brasil, um tradicional fazedor de desertos.

A façanha deve ser creditada aos defensores do "modelo" de ocupação econômica da maior fronteira de recursos naturais do planeta. Eles achavam que a Amazônia permaneceria ameaçada enquanto fosse uma sucessão de espaços "vazios". A rigor, não havia esse vazio. A floresta ocupava - e ainda ocupa - grande parte da superfície da região e o homem se acomodou a ela, elemento dominante na paisagem. Essa é a natureza amazônica, o seu ethos, que requer, como condição substancial, a existência de equilíbrio entre homem e natureza.

Esse equilíbrio desapareceu. Os

ideólogos do "modelo" dizem que a troca foi favorável. A Zona Franca de Manaus, o segundo pólo eletro-eletrônico do país, só superado por São Paulo, produz o equivalente a US\$ 10 bilhões anuais. O Pará é o segundo estado minerador - será o primeiro até o fim da década - e o sétimo em exportação, com US\$ 2 bilhões/ano. A Amazônia já está com 15 milhões de habitantes e é importante fonte de minérios, madeira, pescado, produtos metalúrgicos e alguns produtos agrícolas. Seis dos maiores empreendimentos responsáveis pelo crescimento exponencial desses números representam ativo imobilizado de US\$ 15 bilhões e dívida de US\$ 8 bilhões. O principal é a hidrelétrica de Tucuruí, a maior inteiramente nacional.

No entanto, a renda per capita do amazônida é apenas um pouco maior que a metade (53%) da renda do brasileiro médio. A participação da Amazônia no PIB brasileiro, que crescera de 0,82% em 1970, para 1,41% em 1990, baixou para 1,23% em 1994, segundo um recentíssimo cálculo da Fundação Gétúlio Vargas. A região está mais pobre nos números oficiais - de valor qualitativo - e no seu almoxarifado de recursos, continuamente dilapidado, o aval para sua passagem ao futuro, o elo entre o artefato mais inteligente produzido pelo homem - o satélite - e sua forma mais primitiva de intervenção sobre a natureza - o fogo. Na Amazônia, o satélite entra em cena para atestar que o fogo é o elemento dominante.